Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP

Ribeirão Preto, 8 de dezembro de 2016

Avaliação semestral de Etnomusicologia: estudo de texto sobre **Agora somos todos (etno)musicólogos\*** de *Nicholas Cook* [Tradução de Pablo Sotuyo Blanco]. Ictus 07, pp.7-32. Disponível também em <<http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/132630/mod_resource/content/1/110-460-1-PB_Ictus-Cook.pdf>>

Prof. Marcos Câmara de Castro

NOME:

DATA:

Número USP:

Responda segundo as citações do artigo de Cook e, sempre que possível, utilize outros trechos do próprio artigo, justificando-os como argumento:

1) *Mas o maior indício da virada manifesta na musicologia e o estímulo mais forte à adoção dos métodos etnográficos, encontra-se na crescente ênfase na interpretação como uma dimensão fundamental da existência da música. Para um etnomusicólogo (sobretudo aqueles com formação principalmente antropológica) pode parecer estranho pensar na música como qualquer outra coisa, mas a formulação da musicologia no século XIX, como um tipo de filologia musical, teve conseqüências extraordinariamente duradouras.*

**Por que a valorização do estudo da interpretação pode perturbar uma musicologia entendida principalmente como filologia musical?**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

2) *Tais desenvolvimentos serviram também para borrar as anteriormente agudas distinções entre a música “artística” e a cultura popular, porque as apropriações do repertório clássico no cinema ou nos comerciais da tevê vieram a ser vistas, cada vez mais, como elementos integrais do significado da música, entendido agora como algo constantemente renovado e regenerado pelo uso social. Isto, por sua vez, ajudou a derrubar algumas das hierarquias estéticas inerentes à antiga musicologia, enfraquecendo a ligação, nas mentes dos musicólogos, entre a compreensão e o julgamento de valor e, assim, trazer as perspectivas interpretativas dos musicólogos e dos etnomusicólogos mais perto umas das outras (...). Derrubou também o que Philip Bohlman chama de “uma história da música simples e monolítica” (1991: 266), demonstrando não apenas as histórias paralelas de músicas diferentes dentro das “mesmas” culturas mas, também, os múltiplos usos históricos da “mesma” música, e isto também estimulou a convergência. Segundo Bolhman o coloca, “pode ser que os verdadeiramente diversos e complexos níveis do significado na história da música possam somente ser explorados por inteiro quando a música e a história sejam observadas das abundantes perspectivas que a etnomusicologia não somente tolera, mas incentiva” (1991: 267).*

**Explique o que significa neste trecho: “regenerado pelo uso social”; “ligação entre a compreensão e o julgamento de valor”; “histórias paralelas de músicas diferentes dentro das ‘mesmas’ culturas”; os múltiplos usos históricos da “mesma” música.**

3) *A tradição da música ocidental se revela não apenas como uma série de obras mas também como uma série de eventos musicais: interpretações, ensaios, audições, lições, discussões, leituras, etc” (Stock 1997: 60), e cada um exige seus próprios meios de captação e análise*

*de dados, envolvendo, muito provavelmente, a interação de sons musicais com o movimento corporal, sugestões visuais, e palavras, assim como também, naturalmente, as notações. Um sol# ou um padrão motívico particular se apresenta não como uma abstração cuidadosamente capturada na notação musical ou matemática, senão como uma ação humana executada por um indivíduo particular em um momento e lugar determinados. Segundo continua afirmando Stock, “o musicólogo que analisa o que os músicos e os outros fazem em passagens musicais específicas, e como esses indivíduos explicam o que fazem, é como ganhar perspectivas esclarecedoras dos sons que surgem”, e tais musicólogos terão que “apreender como obter e processar essa informação, e como chegar a um acordo com relação ao seu envolvimento na sua produção” (Stock 1997: 62, 63). Aquela, naturalmente, é uma maneira de dizer que terão que aprender algo acerca dos métodos etnomusicológicos, e é justamente por tais razões que Shelemay recomenda que o treinamento de graduação para ambos os musicólogos e os etnomusicólogos deveria incluir o estudo etnográfico da música ocidental: “os musicólogos históricos seriam muito criteriosos em se aproveitarem das décadas de experiência etnomusicológica com a etnografia musical”, diz, enquanto “os etnomusicólogos necessitariam sair de trás do véu da diferença cultural mútua e participar em empreendimentos etnográficos comuns” (Shelemay 2001: 25).*

**Por que “o treinamento de graduação para ambos os musicólogos e os etnomusicólogos deveria incluir o estudo etnográfico da música ocidental”?**

4) *Mas não se pode, visivelmente, estudar partituras escritas ou impressas como se nunca tivessem sido executadas, ou pretendido ser executadas (e seria uma outra caracterização parcial dos tradicionais musicólogos baseados no texto, reivindicar que isto é o que realmente fazem). Igualmente, há poucos contextos culturais em que faz sentido estudar a execução musical sem nenhuma consideração relativa ao que está sendo executado, seja que exista na forma de uma representação escrita, oral, ou puramente conceitual (como o coloca Nettl [1983: 40], “a gente simplesmente não ‘canta’, mas canta* alguma coisa*”).*

**O que têm a aprender musicólogos e etnomusicólogos (no sentido tradicional dos termos) uns com os outros?**

5) *Há muitas diferenças de teoria e prática no estudo da música, mas eu não vejo nenhum argumento especial para mapeá-las na distinção entre musicologia e etnomusicologia – palavras que, como todas, podem facilmente emprestar uma identidade falsa às práticas que designam. Eu preferiria ver a situação nos termos do “academicismo musical mais amplo” de Shelemay, ao mesmo tempo reconhecendo que um número de tradições disciplinares mais ou mais menos distintas (num plano, musicologia e etnomusicologia, no outro, talvez, história, antropologia, e psicologia) fluem nela e que há, consequentemente, muito potencial na troca de insights das diferentes perspectivas e em compartilhar uma boa prática.*

**O que seria um “academicismo musical mais amplo”?**

6) *É o trabalho de Paul Berliner (1994) e de Ingrid Monson (1996) sobre a improvisação de jazz americano “musicologia” ou “etnomusicologia”? Berliner e Monson têm treinamento etnomusicológico e trabalharam sobre música africana; ambos são brancos e, portanto, distintos da maioria dos seus informantes intérpretes de jazz. Nesse ponto seu trabalho é marcado pelas distinções clássicas do si próprio e do outro de uma disciplina cujo nome incorpora a alteridade: Africano/Americano, negro/branco, participante/observador, insider/outsider. Mas, seria diferente se Berliner e Monson fossem negros, ou se estudassem os músicos brancos do jazz? Em um mundo de identidades culturais múltiplas e superpostas, onde é que os insiders acabam e os outsiders começam? Se for etnomusicologia quando Berliner ou Monson estudam o jazz, por que poderia ser menos “etnomusicológico” que, digamos, um musicólogo britânico estudar a música de John Zorn? Ou Mozart? Que tal Britten? E que tal os musicólogos japoneses estudarem Mozart ou Britten? Ou Takemitsu? No final, qual a música que permanece como assunto apropriado na “musicologia” reservada para insiders?*

**No que um “mundo de identidades culturais múltiplas e superpostas” perturba as noções de *insider/outsider*?**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

7) *Pode ser um cliché pós-moderno dizer que, no mundo de hoje, as distinções entre insider e outsider se tornaram cada vez mais insustentáveis, mas as implicações para o estudo da música são muito concretas. O turismo, a mídia global, os padrões de mudança na educação, e as modas na pesquisa, todos significam que há poucos musicólogos hoje – particularmente poucos musicólogos jovens – para quem qualquer tradição é a “sua” no sentido de não perceber que há alternativas. Praticamente todos nós somos, ao menos em algum grau, musicalmente poliglotas, e trabalhar através de áreas culturais tão diferentes – música clássica e música africana, música medieval e rock – tornou-se quase a norma. Em conseqüência, a gente compreende até a(s) tradição(ões) em que se está mais “em casa” como opções entre outras opções, as compreende em relação a outras tradições mais do que como absolutas. Isto significa que cada musicólogo é,nas palavras de Lawrence Witzleben (1997: 223), “um insider em alguns aspectos e um outsider em outros” outros”, e não apenas em termos de tradições culturais diferentes: pode ser tanto o caso de um musicólogo ocidental que estuda a interpretação contemporânea, para quem os músicos são ao mesmo tempo informantes no sentido etnomusicológico e participantes numa tradição compartilhada (e dada a posição ambivalente dos intérpretes dentro da academia, este relacionamento pode gerar desequilíbrios do poder e sensibilidades de um tipo muito mais familiar aos etnomusicólogos do que aos musicólogos tradicionais). As estáveis distinções entre o insider e o outsider, o si próprio e o outro, o êmico e o ético, não estão mais encaixadas na prática musicológica ou etnomusicológica: são resíduos do colonialismo.* *Sem a distinção entre insider e outsider para fundamentá-la, distinguir entre a musicologia e a etnomusicologia parece-me tão impossível como sem sentido, e as tentativas de fazer isso, simplesmente não chegam a lugar algum. “A Etnomusicologia na minha visão não é uma disciplina”, escreveu Nettl em 1975, mas “um campo que exige membros de outras áreas, particularmente das disciplinas da musicologia, da antropologia e do folclore” (Nettl 1975: 210).*

**Por que as “estáveis distinções entre o *insider* e o *outsider*, o si próprio e o outro, o êmico e o ético” seriam resíduos do colonialismo?**

8) *O multiculturalismo não é simplesmente uma teoria, uma maneira de pensar sobre determinados assuntos da interação cultural, mas um estado da mente, um atributo que sempre está lá sobre o que quer que você esteja pensando. Isso, também, me parece aplicar-se à etnomusicologização da musicologia. E assim minha conclusão é que, seja que nós estejamos falando sobre Beethoven, os Beatles, ou a música balinesa,* agora somos todos etnomusicólogos.

**Por que, ao estudar “Beethoven, os Beatles, ou a música balinesa”, “agora somos todos etnomusicólogos”?**

9)*A maioria de nós vive com múltiplas identidades e comprometimentos, tanto em nossa vida profissional quanto pessoal, como são, certamente, os povos cuja música nós estudamos” (Nooshin 2002: 19). Desta maneira, pode ser que no fim se reduza a uma questão de palavras. Nooshin conclui que “talvez necessitemos repensar radicalmente como poderia ser chamado um campo mais holístico, agrupando todas as áreas de estudo da música, para abandonar o já arcano “logia” e começar com um terreno de jogo nívelado. Estudos da música, talvez?” Estudos da música, então? Se é o que se requer, eu me decido por tal denominação. De todas formas, nunca gostei da palavra “musicologia”.*

**Por que, hoje em dia, as denominações musicologia/etnomusicologia se reduziriam a uma questão de palavras?**

10) **No seu entender, o quê, de uma maneira geral, Cook está discutindo neste artigo?**